

Estudo da manifestação de modo em produção espontânea

Rizzi (1994) identificou um estágio de desenvolvimento na língua infantil, que nomeou *Root Infinitive* (RI)¹ e que Wexler (1994), posteriormente, denominou *Optional Infinitive* (OI)², no qual a criança marca a 3ª pessoa do singular do inglês de forma inconstante. Foi observado, também, que tal alternância, em geral, não ocorre em línguas de sujeito nulo com morfologia rica, como as românicas, com exceção do francês³. Nessas línguas, a 1ª pessoa do singular não-marcada funcionaria de forma semelhante ao chamado infinitivo opcional do inglês.

Deen & Hyams (2006), entretanto, revêem o estágio do infinitivo opcional (que ocorre em línguas como o holandês e o alemão, por exemplo) retomando a Hipótese da Oposição Semântica (Hyams, 2001), que assume que os RIs não são opcionais, uma vez que não estão em livre alternância com verbos flexionados. Pelo contrário, a alternância entre formas finitas e não-finitas seria, de fato, função de uma distinção entre os *modos realis* e *irrealis*, a qual a criança busca, na língua, um meio de marcar. Assim, no caso de línguas que não exibem o estágio RI, dependendo de sua morfologia ou estrutura, haveria outros meios de a criança marcar tal distinção, ainda que de forma distinta do modo como o adulto o faz. Os autores propuseram que o perfectivo nu do grego e o subjuntivo do swahili seriam análogos aos RIs. No caso do italiano (bem como em outras línguas românicas), o análogo seria o imperativo, ou seja, o imperativo é que seria utilizado para a expressão do *modo irrealis*. Por outro lado, o inglês fica descartado como análogo dos RIs, uma vez que não detém duas propriedades fundamentais destes: a Restrição à Eventividade e o Efeito da Referência Modal⁴.

Por longo tempo, tem sido consenso que, nas línguas românicas de sujeito nulo, não existe o chamado estágio RI. Perales, Liceras & Bel (2006), Liceras, Bel & Perales (2006) e Perales (2008), contudo, afirmam que, recentemente, alguns

¹ *Root infinitive* = infinitivo raiz.

² *Optional infinitive* = infinitivo opcional.

³ Ponto controverso de acordo com Perales (2008), Perales, Liceras & Bel (2006) e Liceras, Bel & Perales (2006).

⁴ Para uma exposição mais detalhada, ver capítulo 3.

trabalhos vêm apontando a existência de um estágio RI em línguas de sujeito nulo, tais como o basco, o catalão e o espanhol, ainda que tal estágio, se comparado ao das línguas de sujeito não-nulo, apresente duração menor, terminando em torno dos dois anos de idade⁵.

Assim sendo, dois pontos são de fundamental importância para o presente trabalho:

(1) Primeiramente, seria prudente verificar se nos dados do PB, língua românica assim como o italiano, há evidências semelhantes às que levaram Perales et al. (*op. cit.*), Liceras et al. (*op. cit.*) e Perales (*op. cit.*) a considerar a presença de um estágio RI, ou um análogo a este, em línguas de sujeito nulo. Sabe-se, entretanto, que o PB vem sofrendo uma alteração no valor do chamado Parâmetro do Sujeito Nulo, distanciando-o das línguas *pro-drop* e, conseqüentemente, fazendo com que as hipóteses que se aplicam ao italiano e ao português europeu (PE) não necessariamente se apliquem ao PB (Duarte, 2000).

Segundo esta autora, tal mudança reside na perda do Princípio Evite Pronome (*Avoid pronoun principle*, Chomsky, 1981), que leva à não realização fonológica do sujeito toda vez que sua identificação for possível por meio da desinência verbal, o que ocorre nas línguas de morfologia rica. De acordo com Duarte (*op. cit.*), tal mudança estaria relacionada a uma simplificação do paradigma flexional decorrente da substituição do paradigma pronominal, conforme o Quadro 5, abaixo, que tem o verbo *amar*, de primeira conjugação, como exemplo:

⁵ O estágio RI, em línguas como o alemão e o holandês, se dá ,aproximadamente, entre 2;0 e 2;6 (cf. Deen & Hyams 2006).

Paradigma antigo (ainda utilizado)	Paradigma atual
Eu amo <u>o</u> Tu ama <u>s</u> Ele ama <u>a</u> Nós ama <u>mos</u> Vós ama <u>is</u> Eles ama <u>m</u>	Eu amo <u>o</u> Você ama <u>a</u> Ele ama <u>a</u> A gente ama <u>a</u> Vocês ama <u>m</u> ou você <u>s</u> ama <u>a</u> Eles ama <u>m</u> ou eles ama <u>a</u>
Seis desinências (<i>o, as, a, amos, ais, am</i>), cada qual identificando um pronome: situação passível da omissão do sujeito.	Três desinências (<i>o, a, am</i>) ou duas (<i>o, a</i>), dependendo do dialeto. Aqui, não é possível a omissão do sujeito, pois com exceção de <i>-o</i> , as demais desinências se referem a mais de um pronome (ou forma de tratamento).

Quadro 5 – Paradigmas de conjugação verbal no PB (antigo e atual)

Como se pode verificar, pelo paradigma atual, a identificação do sujeito (já que as flexões estão se simplificando) depende de um sujeito lexical dada a neutralização que se observa na morfologia de pessoa, ao contrário do paradigma passado, em que o preenchimento do sujeito poderia ficar restrito à ênfase ou contraste.

Por outro lado, a progressiva presença do pronome de 1ª pessoa em contextos nos quais poderia ser omitido tem levado a que se considere que outros fatores, tais como a tendência de o PB passar a ser uma língua de tópico, influenciem a alteração do parâmetro do sujeito nulo nesta língua (Galves, 1993).

Em todo o caso, como os dois paradigmas coexistem, o PB ainda reflete as características de uma língua *pro-drop*, embora a perda de distinções morfológicas pertinentes ao traço de pessoa esteja dificultado a identificação de *pro*, o que obriga o preenchimento do sujeito. Por este motivo, diz-se que o PB é “discutivelmente” uma língua de sujeito nulo.

Assim sendo, os dados do estudo da produção espontânea aqui conduzido poderão revelar se o PB, apesar desta transformação gradual no preenchimento do sujeito, se comporta como as demais línguas românicas de sujeito nulo, as quais, segundo Perales et al. (*op. cit.*), Liceras et al. (*op. cit.*) e Perales (*op. cit.*), apresentariam manifestações correspondentes ao que é usualmente caracterizado como estágio RI.

(2) Em segundo lugar, Perales et al. (*op. cit.*) afirmam que a Hipótese da Oposição Semântica de Deen & Hyams (*op. cit.*) não dá conta do número de RIs encontrados nos dados produzidos por crianças que adquirem as línguas de sujeito nulo, pois, embora a porcentagem destes RIs seja baixa se comparada àquelas obtidas em línguas de sujeito não-nulo, as evidências são consistentes entre as diversas línguas e crianças. Em adição, conforme visto no capítulo 3, os RIs produzidos em línguas de sujeito nulo poderiam codificar valores *realis* e *irrealis*.

Assim, Perales et al. (*op. cit.*) destacam dois pontos na produção de RIs em línguas de sujeito nulo: (i) o número de RIs é escasso, embora consistente entre crianças e línguas; (ii) os RIs de línguas de sujeito nulo, diferentemente daquelas de sujeito não-nulo, podem codificar ambos os valores: *realis* e *irrealis*.

Consoante a proposta das autoras, o modo pelo qual as crianças marcam a oposição *realis/irrealis* manifesta-se nas diversas línguas de acordo com a disponibilidade ou não dos traços de pessoa [+/-P] e de infinitivo [+/-R]. Tal proposta permitiria incorporar as línguas de sujeito nulo na discussão dos RIs, contrariando o que, até agora, vem sendo assumido, ou seja, que as línguas românicas e de sujeito nulo não exibem o estágio RI. Assim sendo, cabe investigar se os dados da produção espontânea, aqui analisados, apresentam manifestações do infinitivo e com valores *realis* e *irrealis*.

Para a avaliação de tais teorias com base no português (que detém traços de pessoa e de infinitivo⁶), o presente estudo fará uso de dois arquivos com estudos da produção espontânea (Martins, 2007) que fazem parte do banco de dados de aquisição da linguagem do LAPAL, envolvendo duas crianças, ENY e JES, ambas com idades iniciais em torno de 18 meses⁷.

⁶ Línguas tais como o português, o galês e alguns dialetos da Sardenha apresentam dois tipos de infinitivos: flexionado e não-flexionado. Nenhum dos dois é especificado para tempo, ao passo que o tipo flexionado admite concordância de pessoa e número (Iverson & Rothman, 2008). Segundo Pires & Rothman (no prelo), os infinitivos flexionados estão sendo eliminados da gramática do PB coloquial (ao contrário do que acontece no PE), uma vez que estruturas alternativas podem substituí-los nos contextos em que ocorrem. O estudo em questão revela que o conhecimento da estrutura dos infinitivos flexionados, bem como sua interpretação só ocorre a partir dos 10-12 anos de idade. Para os autores, os infinitivos flexionados estão ausentes do *input* que as crianças recebem e a competência gramatical demonstrada por falantes mais velhos (adolescentes de 13-15 anos e adultos), no que diz respeito aos infinitivos flexionados, não resulta da aquisição natural de um dialeto coloquial, mas da exposição ao dialeto padrão por meio de instrução formal.

⁷ Ver capítulo 4.

- Foco de investigação:

O foco da investigação em Martins (*op. cit.*) foi o traço de pessoa no PB. Naquele estudo, foram identificadas as manifestações do traço de pessoa tanto no DP sujeito (lexical e pronominal) quanto como expressão de concordância no verbo. No estudo longitudinal ali apresentado, foi constatado que aos 18 meses, as crianças produzem a 1ª pessoa marcada e não-marcada no afixo verbal, com sujeito manifesto ou nulo de 1ª e 3ª pessoas (o que significa que tais formas já foram identificadas, pela criança, no fluxo da fala dos adultos que a cercam), sendo que a concordância sujeito-verbo começa a se estabilizar por volta dos 22-24 meses de idade. Assim, Martins (*op. cit.*) não observou estágios de aquisição bem delimitados, mas verificou uma predominância de formas nulas de 1ª e 3ª pessoas em um primeiro momento, que evoluem até a utilização correta dos pronomes com as correspondentes flexões verbais. Este fato revela um processo custoso na identificação da expressão morfológica de pessoa na língua, bem como da representação das relações entre as pessoas gramaticais e do discurso. Em adição, segundo Martins (*op. cit.*), a alternância entre as formas marcada e não-marcada correspondentes à 1ª pessoa do discurso poderia ser tomada como uma manifestação equivalente ao Estágio do Infinitivo Opcional, identificado em línguas de sujeito não-nulo.

Esses resultados sugerem que a identificação das formas flexionadas do verbo se faz desde tenra idade. Naquele estudo, contudo, as formas infinitivas não foram analisadas, de modo que, não é claro se se pode falar de um estágio RI no PB, tal como Perales et al. (*op. cit.*), Liceras et al. (*op. cit.*) e Perales (*op. cit.*) identificam no espanhol, no basco e no catalão, isto é, se a criança faz uso sistemático de uma oposição entre formas flexionadas e formas nuas para expressão *realis/irrealis*.

No estudo de Conceição (2006), que verifica a ocorrência de infinitivos opcionais no PB, a autora observa que a hipótese do sujeito nulo/infinitivo opcional de Wexler (1998) não se aplica ao PB. De acordo com esta hipótese, as línguas que não têm sujeito licenciado por INFL passam pelo estágio do infinitivo opcional. Contudo, Conceição (*op. cit.*) verifica que o PB apresenta sujeitos licenciados por INFL, mas quase não apresenta evidências compatíveis com um estágio do infinitivo opcional, uma vez que apenas 10,66% de sentenças infinitivas foram encontradas em seus dados. Entretanto, tal estudo não contempla

a correlação entre formas flexionadas e não-flexionadas para a expressão dos *modos realis e irrealis*.

- Objetivos:

Tendo em vista que o PB não se situa de forma inequívoca como língua de sujeito nulo, buscou-se verificar se as previsões de Deen & Hyams (*op. cit.*), por um lado e as de Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*), por outro, para línguas de sujeito nulo se aplicariam ao PB. Assim sendo, os objetivos da análise dos dados da produção espontânea foram:

- Verificar se a principal manifestação do *modo irrealis* no PB é o imperativo, tal como previsto por Deen & Hyams (*op. cit.*) para línguas de sujeito nulo ou se tal como nas línguas de sujeito não-nulo, o infinitivo é a principal expressão do *modo irrealis*;
- Verificar se no PB, há evidências compatíveis com o que vem sendo caracterizado como um “estágio” RI em línguas de sujeito nulo, tal como sugerido por Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*);
- Verificar se, tal como sugerido pelas autoras mencionadas no item anterior, tem-se a oposição semântica *realis/irrealis* por meio de marcadores de pessoa: formas flexionadas realizando o *modo realis*; e formas nuas (3ª pessoa do singular do indicativo) e infinitivo realizando ambos os *modos: realis e irrealis*.

Dados os objetivos, esta análise considerou a distribuição das seguintes formas:

- Verbos com formas indicativas:
 - Verbos flexionados de 1ª pessoa;
 - Verbos na 3ª pessoa gramatical (forma não-marcada) com sujeito de 1ª pessoa;
- Verbos com formas subjuntivas (meio de expressão do *modo irrealis* no português);
- Verbos com formas indicativas;
- Verbos com formas infinitivas;

- Locuções verbais com auxiliares modais⁸ com 1ª pessoa flexionada ou 1ª pessoa não-marcada: (querer+infinitivo: “Eu *quero passear*, mamãe” ou “*Quer ver*”; ir+infinitivo: “*Vou tirar* sua xuxinha” e “*Vai gravar*, vai gravar”).

Esta análise também buscou interpretar estas formas como *realis/irrealis* em função do critério utilizado tanto por Deen & Hyams (*op. cit.*), quanto por Perales et al. (*op. cit.*). Neste, há uma análise de critério formal, testada via avaliação da adequação da interpretação semântica a ele associada. Assim, têm-se:

- Verbos com formas indicativas flexionadas de 1ª pessoa são necessariamente *realis*;
- Verbos com formas indicativas não-marcadas seriam, a priori, *realis* ou *irrealis*;
- Verbos com formas subjuntivas são necessariamente *irrealis*⁹;
- Verbos com formas imperativas são necessariamente *irrealis*;
- Verbos com formas infinitivas podem ser, a priori, *realis* ou *irrealis*.

Adicionalmente, optou-se por distinguir as locuções verbais (cuja análise não é clara nos textos dos autores considerados). Locuções verbais são formas de difícil análise. Segundo Palmer (2001), expressões de querer, desejo e preferência se relacionam a eventos não realizados e podem ser marcadas como *irrealis*, mas geralmente, somente em orações subordinadas (p. e.: *Quiero que estudias más*). Isso sugere que o verbo *querer* indicaria o *modo realis*, ao passo que a oração subordinada apresentaria um evento *irrealis*. Palmer, no entanto, não analisa as locuções, quando não há uma oração completiva. Moura-Neves (2006), por sua vez, considera que uma fonte de modalidade *irrealis* em orações principais são os verbos modais criadores de mundo, que para autora, são aqueles que não implicam a existência de seus objetos, mesmo no passado, ou seja, verbos que

⁸ De acordo com André (1997), as locuções verbais com auxiliares modais são aquelas que combinam um auxiliar modal (*querer, dever, saber, poder, ir, vir*) com um verbo principal no infinitivo. Tratam-se de locuções verbais perfeitas, uma vez que ambos os verbos que as compõem possuem um só sujeito. Em tais casos, o infinitivo do verbo principal será sempre um infinitivo impessoal. Para Ribeiro (2004), os verbos auxiliares modais traduzem o modo de encarar o processo do infinitivo, acrescentando idéia de aparência (*parecer*), volição (*desejar*), possibilidade (*poder*), capacidade (*saber*), necessidade, dever (*dever, dever de, ter de, ter que*), consecução (*conseguir, lograr*), intenção, tentativa para se alcançar um objetivo (*tentar, buscar, ousar*).

⁹ Pode-se questionar, no entanto, que o subjuntivo em construções concessivas com “embora” não expresse significados *irrealis* como, por exemplo, em “Eu irei ao baile, embora não goste de dançar”, em que *goste* expressa um significado *realis*. Contudo, no presente estudo, desconsiderar-se-á tal fato, uma vez que crianças de 1;5 a 2,5 de idade, não produzem tais construções.

representam *modos*, estados ou eventos imaginários, tais como: *procurar*, *querer*, *imaginar* e *sonhar com* (p. e.: *Túlio queria/imaginava/procurava/sonhava em colocar um disco na vitrola*).

Logo, se for levada em conta a intenção de querer, desejo e preferência, a locução verbal com auxiliar modal, como um todo, pode ser vista como expressão do *modo irrealis* [Quero passear (*irrealis*)]. Por outro lado, se se considera além do significado, a forma, e restringe-se a expressão de *irrealis* para as orações completivas, as locuções querer+infinitivo e ir+infinitivo seriam expressões do *modo realis* [Quero (*realis*) + passear (*irrealis*)].

Assim, as locuções verbais do tipo querer+infinitivo, por exemplo, foram analisadas separadamente do verbo *querer* com complemento DP, uma vez que as primeiras admitem dois tipos de análise, dependendo do critério de natureza semântica ou de natureza formal utilizado:

- Critério semântico: locução = *irrealis*;
- Critério formal: locução = *realis*.

- Previsões:

- Se a criança fizesse o mesmo tipo de distinção que a criança falante do holandês faz com os RIs, segundo Deen & Hyams (*op. cit.*), formas flexionadas indicariam o *modo realis*, ao passo que as não flexionadas, isto é, as formas não-marcadas, indicariam o *modo irrealis*;
- Ainda segundo Deen & Hyams (*op. cit.*), se a criança fizesse a distinção como no italiano, utilizaria a forma imperativa para expressar o *modo irrealis* e as demais formas, para o *modo realis*;
- Se a criança fizesse o mesmo tipo de distinção descrito por Perales et al. (*op. cit.*) para o basco, o catalão e o espanhol (e até mesmo para o italiano), a criança utilizaria as formas flexionadas para a expressão do *modo realis* e a 1ª pessoa não-marcada e o infinitivo para a expressão de ambos os *modos: realis e irrealis*.

MÉTODO¹⁰:

- Participantes:

As crianças participantes das amostras foram duas meninas, ENY (1;5 a 2;5) e JES (1;6 a 2;4) pertencentes a famílias de classe média¹¹, residentes em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, ambas adquirindo o PB como sua primeira língua. Nenhuma delas apresentava histórico familiar de déficit lingüístico, nem tinha sido afetada por fatores que pudessem comprometer o desenvolvimento da linguagem.

- Procedimento:

A coleta de dados das crianças participantes foi feita por meio de gravações de interações mãe-filha, de abril de 2003 a março de 2004, semanalmente, com sessões de duração aproximada de 15 minutos. Foram realizadas, então, 94 sessões perfazendo um total de 23h30m de registro. Foram consideradas 47 sessões da informante ENY e 47 sessões da informante JES.

- Material:

A fala espontânea das crianças foi registrada por meio de um gravador portátil de qualidade digital da marca Panasonic, modelo RQ-L11.

- Modo de transcrição:

A transcrição das gravações registra, o mais fielmente possível, as falas das crianças, ainda que a transcrição fonética não tenha sido utilizada. As falas das crianças foram reproduzidas por meio do registro ortográfico, onde a forma padrão foi colocada entre colchetes, como em: *Eu acordi* [acordei] e em *Já falei* [falei]. Observações contextuais foram reproduzidas entre parênteses como (choro), (risos), entre outros, e a idade da criança em (anos; meses; dias) foi apontada ao final de cada fala.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o método, ver Martins (2007).

¹¹ Segundo Martins (*op.cit.*), foi utilizada como critério de definição do grupo social uma avaliação do nível de escolaridade e profissão dos pais, bem como do padrão de renda familiar.

- Critérios de análise adotados:

Os seguintes critérios foram levados em consideração quando da análise dos dados:

- Foi feito um levantamento do total de formas verbais produzido por cada criança e em conjunto;
- Formas repetidas em uma mesma sentença foram computadas como apenas uma ocorrência [E.g.: Gaia, come, come, come!] = 1 forma;
- Formas iguais intercaladas pela fala da mãe foram computadas como mais de uma ocorrência [E.g.: ENY: Segura. / Mãe: Oi? / ENY: Segura.] = 2 formas;
- Observou-se que a informante ENY faz um uso excessivo da forma [é], tanto adequadamente, como em [Mãe: Ah! É seu celular esse daí? / ENY: É.], como inadequadamente, como em [Mãe: Você fechou primeiro? / ENY: É.], onde uma resposta adequada seria “sim” ou “fechei”. Assim, concluiu-se que a forma [é] significa, para ENY, uma resposta afirmativa para todo e qualquer tipo de pergunta. Apesar de a informante JES não apresentar o mesmo tipo de uso, optou-se pela desconsideração de todas as formas [é] em respostas afirmativas de ambas as crianças;
- As formas [tá] foram desconsideradas pelo mesmo motivo do item anterior;
- Foram desconsideradas algumas manifestações na fala das crianças, tais como: eco [ENY: Me leva. → ao repetir uma oração ensinada pela avó]; expressões [ENY: Aquim, fala sério, Aquim!]; brincadeira com a língua [ENY: Vem cá, nanô. Vem cá, nanô, vem cá... Vem pai.]; música [ENY: “...serrador, serra a madeira com o vovô”]; brincadeira/imaginação [JES: Dorme. → brincando de fazer a mãe dormir];
- O contexto do discurso foi, obviamente, de grande relevância para as análises.
- Para fins de análise de contextos *irrealis* foram consideradas expressões de **vontade**, **comando** e **intenção** ou aquelas que expressavam noção de futuro. Para os contextos *realis*, as expressões consideradas foram aquelas que denotavam eventos reais, no presente ou no passado.

- Formas negativas e interrogativas foram consideradas *realis* de acordo com Palmer (*op. cit.*), que afirma que não há evidências de que tais formas sejam tratadas como *irrealis* em orações principais de línguas européias. Tal tratamento só ocorreria em orações subordinadas. Uma vez que as crianças aqui analisadas não demonstram produtividade em orações subordinadas, as mencionadas formas foram consideradas *realis*.

- Distribuição dos dados e discussão:

A Tabela 1 apresenta a distribuição das formas verbais, acima explicitadas, na fala das duas crianças analisadas:

Formas verbais	ENY			JES			ENY + JES		
1ª pessoa flexionada	27,5% (160/581)			16,5% (65/395)			23,1% (225/976)		
1ª pessoa não-marcada	Presente 56% (65/116)	Passado 44% (51/116)	Total 116 20% (116/581)	Presente 80,7% (46/57)	Passado 19,3% (11/57)	Total 57 14,4% (57/395)	Presente 64,2% (111/173)	Passado 35,8% (62/173)	Total 173 17,7% (173/976)
Subjuntivo	0% (0/581)			0% (0/395)			0% (0/976)		
Imperativo	24,3% (141/581)			48,6% (192/395)			34,1% (333/976)		
Infinitivo	15,1% (88/581)			9,1% (36/395)			12,7% (124/976)		
Locuções	13,1% (76/581)			11,4% (45/395)			12,4% (121/976)		
Total	100% (581) 59,5% (581/976)			100% (395) 40,5% (395/976)			100% (976) 100% (976/976)		

Tabela 1 – Percentual de formas verbais produzidas por ENY e JES

Observa-se na tabela acima que as formas indicativas de 1ª pessoa flexionadas totalizam 225 ocorrências, ao passo que as não-marcadas revelam um total de 173 formas. Estas últimas, contudo, apresentaram formas no presente e no passado. Nos dados das crianças aqui analisadas, o passado representa 35,8% das formas não-marcadas, sendo que a criança ENY mostra quase que um equilíbrio entre estas mesmas formas no presente e no passado.

O subjuntivo não foi encontrado nos dados analisados. De fato, a única forma subjuntiva produzida pela criança ENY (“Se *comesse*, no aniversário”) foi descartada por não fazer sentido no contexto em que foi utilizada. Contudo, é preciso ressaltar que, apesar de esta única instância se encontrar fora de contexto,

a mesma denota que a criança já percebe a morfologia do subjuntivo na fala a que está exposta.

O imperativo totalizou 333 instâncias, o que corresponde a 34,1% do total de formas utilizadas pelas participantes. A tabela mostra que esta foi a forma que mais se destacou na fala das crianças em termos de distribuição, seguida pela 1ª pessoa do indicativo flexionada.

O infinitivo contou com 124 ocorrências, o que traduz apenas 12,7% das formas totais utilizadas. Esta porcentagem demonstra que um estágio RI como aquele que ocorre nas línguas de sujeito não-nulo ficaria descartado. Por outro lado, esta porcentagem se mostra mais alta do que aquelas apresentadas por Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*) no que diz respeito à manifestação deste mesmo estágio em línguas de sujeito nulo. Resta verificar se tais manifestações do infinitivo estão, de fato, relacionadas a contextos *irrealis* e *realis* como considerado pelas autoras.

Quanto às locuções, estas apresentam uma distribuição equivalente à do infinitivo, com 12,4% do total de formas produzidas por ambas as crianças.

A Tabela 2 apresenta as formas acima identificadas, interpretadas em função dos contextos de ocorrência como *realis* ou *irrealis*:

Formas verbais	ENY				JES				ENY + JES			
	Realis	Irrealis	Indet.	Total	Realis	Irrealis	Indet.	Total	Realis	Irrealis	Indet.	Total
1ª pessoa flexionada	100% (160/160)	---	---	160 31,7% (160/505)	100% (65/65)	---	---	65 18,6% (65/350)	100% (225/225)	---	---	225 26,3% (225/855)
1ª pessoa não-marcada	44% (51/116)	16,4% (19/116)	39,6% (46/116)	116 23% (116/505)	19,3% (11/57)	31,6% (18/57)	49,1% (28/57)	57 16,3% (57/350)	35,8% (62/173)	21,4% (37/173)	42,8% (74/173)	173 20,2% (173/855)
Subjuntivo	---	0% (0/0)	---	0 0% (0/505)	---	0% (0/0)	---	0 0% (0/350)	---	0% (0/0)	---	0 0% (0/0)
Imperativo	---	100% (141/141)	---	141 27,9% (141/505)	---	100% (192/192)	---	192 54,8% (192/350)	---	100% (333/333)	---	333 39% (333/855)
Infinitivo	10,2% (9/88)	85,2% (75/88)	4,6% (4/88)	88 17,4% (88/505)	0% (0/36)	88,9% (32/36)	11,1% (4/36)	36 10,3% (36/350)	7,3% (9/124)	86,3% (107/124)	6,4% (8/124)	124 14,5% (124/855)
Total	(220) 43,6% (220/505)	(235) 46,5% (235/505)	(50) 9,9% (50/505)	(505)	(76) 21,7% (76/350)	(242) 69,2% (242/350)	(32) 9,1% (32/350)	(350)	(296) 34,6% (296/855)	(477) 55,8% (477/855)	(82) 9,6% (82/855)	(855)

Tabela 2 - Percentual de formas produzidas em contextos *realis* e *irrealis* por ENY e JES

A tabela acima revela que a 1ª pessoa flexionada ocorreu 100% em contextos *realis* conforme previsto pela literatura.

A 1ª pessoa não-marcada ocorreu 173 vezes na fala das crianças. No entanto, houve 35,8% de ocorrências no passado, necessariamente *realis*. 21,4% corresponderam a contextos *irrealis* de volição ou intenção. 42,8% não puderam ser caracterizadas nem como *realis* (pois não se encontravam no passado), nem como *irrealis* (uma vez que não se encaixavam em contextos de volição ou intenção) como, por exemplo: “*Eu gosta*”, “*Eu sabe*”. Assim, a 1ª pessoa-não marcada, nos dados analisados, codifica valores *realis* e *irrealis*, o que se encontra em harmonia com Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*). Em adição, pela baixa porcentagem total da 1ª pessoa não-marcada obtida em contextos *irrealis* (21,4%), esta forma não representa um análogo aos RIs no PB: mais um ponto de compatibilidade com a proposta de Liceras et al. (*op. cit.*).

O subjuntivo não foi produzido pelas participantes. Desta forma, este não representa, na idade em que as crianças foram avaliadas (1;5 a 2;5, aproximadamente), um meio de expressão do *modo irrealis*. Isto é relevante na medida em que o subjuntivo é o *modo* que expressa significados *irrealis* no português. É importante ressaltar que na própria fala parental de ambas as crianças (também analisada), a ocorrência de subjuntivos foi mínima: apenas 29 ocorrências, o que representa 0,6% do total de produções verbais (ao longo de 1 ano) dos pais, avós e outras pessoas com as quais as crianças mantiveram contato.

Com relação ao imperativo, tido por Deen & Hyams (*op. cit.*) como a forma de expressão *irrealis* no italiano e em outras línguas românicas, tem-se que, no PB, este contou com 100% de ocorrências em contextos *irrealis*. Porém, a caracterização do imperativo como um análogo aos RIs em línguas românicas é discutível, na medida em que ordens e comandos, que expressarem eventos ainda por ocorrer, situam-se semanticamente no domínio do *irrealis*. Este motivo apenas corrobora aqueles apresentados por Liceras et al. (*op. cit.*), vistos no capítulo 3, para a não consideração deste *modo* como um análogo aos RIs.

No que diz respeito ao infinitivo, todos se deram pela omissão de um auxiliar ou de um verbo que requeria oração completiva reduzida de infinitivo. Nos dados analisados, este foi encontrado codificando ambos os valores: *realis* e *irrealis*. Os infinitivos que expressaram o *modo realis*, traduziram eventos que ocorriam no momento da fala das crianças ou que já tinham ocorrido. Dos infinitivos que expressaram o *modo irrealis*, alguns foram utilizados, pelas crianças, como imperativos: ENY: 6 ocorrências em 75 (8%) e JES, 9 ocorrências

em 32 (28,1%). Foram classificadas como formas indeterminadas, produções em que a criança não parecia, de fato, estar expressando desejo ou intenção como, por exemplo, em: “*Dirigir*” (Quero dirigir); “*Tabiá*” (Quero trabalhar); “*Pintá cabelo*” (Vou pintar o cabelo).

O uso do infinitivo pela criança ENY se mostrou mais constante entre 1;11 a 2;3, embora este tenha sido utilizado desde as primeiras até a última sessão. O mesmo não aconteceu com JES, que fez uso do infinitivo com considerável regularidade ao longo das 47 sessões. Tomadas em conjunto, pode-se dizer que não houve uma fase específica na qual as crianças fizeram um uso mais freqüente desta forma verbal.

Os infinitivos que apareceram em contextos *irrealis* exibiram características dos RIs encontrados em línguas como o alemão e o holandês, pois não exibiram sujeitos preenchidos; não ocorreram em interrogativas (compreensivelmente) e detiveram 90,2% de verbos eventivos, o que está de acordo com a Restrição à Eventividade de Deen & Hyams (*op. cit.*), propriedade dos RIs que diz que estes estão restritos a predicados denotativos de eventos, enquanto verbos finitos podem ser tanto eventivos como estativos. Ao que parece, então, os casos de infinitivos descritos acima compartilham características dos RIs de línguas de sujeito não-nulo.

Desta forma, o infinitivo foi a forma que mais se aproximou dos RIs na produção de ENY e JES, o que está compatível com Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*), que defendem que os que RIs ocorrem, mesmo em baixas porcentagens, em línguas de sujeito nulo. Nos dados aqui analisados, o infinitivo representou apenas 14,5% do total de formas produzido pelas crianças. Esta porcentagem se mostra, contudo, superior àquelas encontradas nas línguas hispânicas.

Em adição, as manifestações dos infinitivos nas falas de ENY e JES, correspondem em 86,3% a contextos *irrealis* (volição, intenção e comando), o que, novamente, os aproxima dos RIs de línguas de sujeito não-nulo. Assim sendo, pela porcentagem encontrada no PB, não se pode falar de um estágio do infinitivo raiz nesta língua como aquele manifesto em línguas de sujeito não-nulo, tal como o holandês e o alemão e consoante Conceição (*op. cit.*). Por outro lado, se os infinitivos no PB se assemelham aos infinitivos que ocorrem em línguas de

sujeito não-nulo, pode-se pensar que tal constatação esteja relacionada ao fato de o PB estar deixando de ser uma língua de sujeito nulo.

Na presente análise, ficou constatado que as crianças ENY e JES produziram várias construções em que há a omissão de auxiliares modais como em [JES: Tocá de roupa (~~vou~~ trocar de roupa)] e Dormir (~~quero~~ dormir)]. Uma explicação alternativa, presente na literatura, para tal manifestação na fala das crianças está vinculada ao modelo de “Aquisição por Associação” de Ingram & Thompson (1996), tal como denominado por Hoekstra & Hyams (1998): “as crianças usam estas formas do modo que as ouvem”. De acordo com os autores, formas finitas são ouvidas em contextos que envolvem eventos que ainda estão ocorrendo e as formas não-finitas em contextos modais (ou *irrealis*). As crianças produzem RIs porque formam uma associação semântica entre o infinitivo e os significados modais. Tal associação baseia-se no *input* que recebem, e.g.: “O que ele quer?” “Dirigir o carro”.

O Quadro 6 abaixo permite uma melhor visualização dos tipos de construções consideradas no levantamento das porcentagens exibidas nas Tabelas 1 e 2:

Formas verbais	Contextos	Exemplos
Indicativo 1ª pessoa flexionada	Realis	ENY: Eu canto. ENY: Já terminei. JES: Gosto cenoura. ENY: Machei [me machuquei].
Indicativo 1ª pessoa não-marcada	Realis	ENY: Peitô (apertou) [apertei]. JES: Tornô [entornei]. ENY: Eu lembra [eu lembro].
	Irrealis	ENY: Quer ápis [quero o lápis]. JES: Quer Dindinho [quero o Dindinho].
Subjuntivo	Irrealis	ENY: Se comesse, no aniversário. (Única forma do subjuntivo encontrada nos dados de ENY, mas que foi descartada por não fazer sentido no contexto em que foi utilizada).
Imperativo	Irrealis	ENY: Não guarda. JÉS: Pega a revistinha.

Infinitivo	Realis	ENY: Baixo, aqui, aqui, passar [estou passando aqui embaixo]. ENY: Falar [falei].
	Irrealis	ENY: Passear [quero passear]. JES: Tocá de roupa [vou trocar de roupa]. ENY: Cuodá (guardar) [guarda] => imperativo JÉS: Ler [leia] => imperativo

Quadro 6 – Exemplos das produções de ENY e JES em contextos reais e irrealis

Finalmente, a Tabela 3 a seguir apresenta a distribuição das locuções verbais produzidas por ENY e JES:

Formas verbais	ENY				JES				ENY + JES			
	Realis	Irrealis	Indet.	Total	Realis	Irrealis	Indet.	Total	Realis	Irrealis	Indet.	Total
Locuções flexionadas	---	100% (26/26)	0% (0/26)	26 34,2% (26/76)	---	92% (23/25)	8% (2/25)	25 55,6% (25/45)	---	96,1% (49/51)	3,9% (2/51)	51 42,1% (51/121)
Locuções não-marcadas	---	94% (47/50)	6% (3/50)	50 65,8% (50/76)	---	100% (20/20)	0% (0/20)	20 44,4% (20/45)	---	95,7% (67/70)	4,3% (3/70)	70 57,9% (70/121)
Total	---	(73) 96,1% (73/76)	(3) 3,9% (3/76)	(76)	---	(43) 95,6% (43/45)	(2) 4,4% (2/45)	(45)	---	(116) 95,9% (116/121)	(5) 4,1% (5/121)	(121)

Tabela 3 – Distribuição das locuções em função de contextos reais e irrealis

Conforme visto nos objetivos do presente trabalho, as locuções verbais com auxiliares modais constituem um ponto crítico para a presente análise.

Por um critério formal de análise, em que se levaria em conta não só o significado, mas também a forma, a locução verbal (modal + infinitivo) teria o verbo modal como *realis* e o infinitivo como *irrealis*. Por um critério semântico de análise, a locução como um todo seria analisada do ponto de vista da intenção e do desejo e seria, portanto, *irrealis*.

No entanto, constatou-se que tais locuções, independentemente do fato de serem flexionadas ou não-marcadas, constituem noção de futuro, uma vez que os desejos e as intenções expressas pelas formas verbais ainda estão por ocorrer. Assim sendo, optou-se por considerá-las *irrealis*. Em adição, pelo fato mesmo de expressarem desejos e intenções, estariam vinculadas semanticamente ao domínio do *irrealis*¹².

¹² Ainda que Deen & Hyams (*op. cit.*) considerem a idéia de futuro como *irrealis*, há certa dificuldade nessa associação, tendo em vistas que várias línguas apresentam tempo futuro expresso

Assim sendo, tem-se reforçada a idéia de que o infinitivo, seja de forma isolada, seja em locuções, expressaria a noção de *irrealis*. Se o número de produções do infinitivo (124) for somado ao número de produções das locuções (121), tem-se um total de 245 formas, o que representaria 25,1% do total de formas produzidas pelas crianças. Ainda que esta porcentagem seja baixa, se forem considerados os valores correspondentes às formas encontradas em contextos *irrealis*, tem-se um total de 91% de formas infinitivas em contextos *irrealis*, um percentual bastante expressivo.

A seguir, no Quadro 7, exemplos das locuções acima mencionadas:

Formas verbais	Contextos	Exemplos
Locuções flexionadas	Irrealis	JÉS: Eu não vou me vestir. ENY: Mamãe, quero descer, mamãe. JES: Quero calçar a sandália.
Locuções não-marcadas		JES: Quer andar [quero andar]. ENY: Vai ajudar sim [vou ajudar sim]. JES: Vai gravar, vai gravar [vou gravar, vou gravar].

Quadro 7 - Exemplos de locuções produzidas por ENY e JES em contextos irrealis

- Conclusão:

Com relação ao primeiro objetivo proposto para este estudo dos dados da produção espontânea, verifica-se que o imperativo não constitui um análogo aos RIs no PB. Em primeiro lugar, porque, justamente por expressar comandos, está fatalmente relacionado a contextos *irrealis*. Em segundo lugar, porque as observações feitas por Liceras et al. (*op. cit.*), no capítulo 3, quanto aos

no *modo* indicativo, atribuindo ao evento futuro uma avaliação de expectativa de certeza. Contudo, é difícil avaliar expectativa de certeza na fala da criança e este critério não é usualmente levado em conta nas análises aqui referidas. Uma evidência para um “futuro *realis*” (com expectativa de certeza) seria uma ação correspondente à fala (vou X) no futuro, subsequente a esta – o que requer, no entanto, gravação em vídeo, de que não se dispõe. Assim sendo, optou-se por manter a proposta de tratar noções de futuro (*futurity*), tal como em Deen & Hyams (*op. cit.*) para as locuções “ir+infinitivo”. No que concerne às locuções “querer+infinitivo”, optou-se por seguir a consideração de Moura-Neves (2006), quanto aos verbos modais, tais como “querer”, serem fonte de modalidade *irrealis* em orações principais. Uma vez que uma locução funciona como um complexo verbal e, no caso da fala das crianças analisadas, tais locuções se encontram em orações principais, estas foram consideradas como *irrealis*.

imperativos (não decréscimo na língua perante a aquisição de outras formas, características referenciais, etc), mostram-se igualmente pertinentes no PB.

Por outro lado, há um uso do infinitivo, pelas crianças, cuja porcentagem não se mostra expressiva em relação ao total de formas produzidas. Contudo, as instâncias encontradas retornam uma porcentagem de 86,3% de seu uso em contextos *irrealis* (e de 91%, se somadas às locuções verbais). Este percentual equipara-se ao dos RIs em línguas de sujeito não-nulo. Este fato coloca o presente estudo em harmonia com o Efeito da Referência Modal proposto por Deen & Hyams (*op. cit.*), que diz que “com uma frequência surpreendente, RIs apresentam um significado modal/*irrealis*”. Nesse sentido, se pela distribuição não se pode falar de um estágio RI como aquele registrado em línguas de sujeito não-nulo, pode-se assumir, contudo, que no PB, o infinitivo é um meio de expressão do *modo irrealis* em oposição à não produção do subjuntivo¹³. Em adição, foram encontradas 9 instâncias do infinitivo expressando o *modo realis*, relacionadas a eventos em progresso ou no passado. Neste aspecto, o presente estudo mostra-se consistente com as propostas de Perales et al (*op. cit.*) e de Liceras et al. (*op. cit.*) de que em línguas de sujeito nulo (o PB ainda se encontra sob este paradigma), os infinitivos podem codificar valores *realis* e *irrealis*.

O fato, entretanto, de as características do infinitivo no PB se assemelharem às daquelas dos RIs em línguas de sujeito não-nulo, leva à conclusão de que o PB esteja, de fato, passando do status de língua de sujeito nulo para o de língua de sujeito não-nulo.

No que diz respeito ao segundo objetivo e de acordo com as constatações feitas anteriormente, pode-se dizer que no PB, devido às baixas porcentagens do infinitivo, não se pode falar de um estágio RI semelhante ao do holandês e do alemão. Por outro lado, o uso dos infinitivos na fala das crianças se assemelha muito ao dos RIs nestas línguas, o que faz do infinitivo o meio de expressão do *modo irrealis* no PB, quando o subjuntivo ainda se encontra ausente¹⁴. Este fato está totalmente compatível com Liceras et al. (*op. cit.*), quando consideram que há um estágio RI em línguas de sujeito nulo e que embora este seja mais curto, nem

¹³ O infinitivo aqui mencionado não ocorre nos mesmos contextos que o subjuntivo ocorreria, porém, tenta-se chamar atenção para o fato de que, enquanto o subjuntivo (meio de expressão do *modo irrealis* no português) não se encontra presente na fala das crianças analisadas, o infinitivo mostra-se o mais perfeito candidato a tal expressão.

¹⁴ Ver nota 13 acima.

por isso é diferente. Assim sendo, ainda que o termo *estágio* possa ser questionável (ver nota 4, capítulo 3), os dados aqui analisados são compatíveis com a presença do chamado infinitivo raiz no PB – em maior proporção do que no Catalão e no Espanhol e em menor proporção do que nas línguas de sujeito não-nulo.

Com relação ao último objetivo proposto, verifica-se que as formas flexionadas realizam em 100% o *modo realis*. Quanto às formas nuas, a 3ª pessoa do singular do indicativo com sujeito de 1ª pessoa (forma não-marcada) e o imperativo, estas apresentam diferentes valores. Enquanto a forma imperativa traduz 100% do *modo irrealis*, a forma não-marcada, apresenta valores *realis* e *irrealis*. Os primeiros se referem a eventos no passado e os últimos, a eventos ainda por ocorrer, expressando vontade ou intenção. Assim, consoante Perales et al. (*op. cit.*) e Liceras et al. (*op. cit.*), tanto a forma não-marcada quanto o infinitivo, no PB, codificam ambos os valores: *realis* e *irrealis*.

Finalmente, no português, o *modo* subjuntivo é o meio de expressão do *modo irrealis*. No entanto, em fase inicial de aquisição da linguagem, estas formas raramente são produzidas, o que se pôde constatar no estudo da produção espontânea acima. A produção do subjuntivo requer a utilização de verbos de comunicação e de estado mental, além de períodos compostos. Quanto a esses requisitos, foi constatado, nos dados analisados que:

- Há pouquíssimas manifestações de **períodos compostos** na fala das crianças: 6 por coordenação para ENY e 1 por justaposição para JES, além de um período composto por subordinação: 1 oração relativa produzida por ENY;
- Foi verificado que **verbos de comunicação** [*avisar, prometer, aconselhar, dizer, falar, prevenir, sugerir, indagar, perguntar, confidenciar, confessar, delatar...*] pouco se encontram presentes nos dados das crianças: ENY = prometer (1 ocorrência); dizer (2 ocorrências); falar (11 ocorrências) e JES = falar (5 ocorrências);
- Há uma produção bastante restrita de **verbos de estado mental** [*saber, pensar, achar, crer, duvidar, lembrar...*]: ENY = saber (7 ocorrências); achar (1 ocorrência); lembrar (4 ocorrências) e JES = saber (7 ocorrências).

Observa-se, portanto, que os verbos mencionados já entraram no repertório das crianças (embora haja poucas instâncias), em geral, com complementos elípticos, subentendidos no diálogo. Os períodos compostos também começam a emergir. Vale lembrar que, como visto anteriormente, o subjuntivo ocorre muito pouco na fala parental. A partir dessas evidências, fica claro que não há impedimento de ordem cognitiva ou problemas de processamento que impeçam que as crianças façam uso do subjuntivo, porém, ao que parece, apesar de elas terem condições de formular suas intenções, não estão encontrando meios de expressá-las, isto é, está faltando a morfologia para tal.

Assim sendo, foi preciso investigar como a criança percebe, produz e compreende o subjuntivo em uma idade mais avançada e como faz as distinções *realis/irrealis* quando já percebe, mas ainda não domina a morfologia do subjuntivo. Tais investigações se encontram detalhadas nos capítulos 6 e 7.